Wilson Pedrosa/AE

Amaral Neto e Souto no Planalto: porta-vozes das queixas de parlamentares governistas

Partidos querem união informal

BRASÍLIA — O presidente Fernando Collor liberou ontem os líderes do PFL, Ricardo Fiúza, do PDS, Amaral Neto, do PRN, Arnaldo Faria de Sá, e do governo, Humberto Souto (PFL-MG), para que organizem um bloco governista na Câmara, preservando as prerrogativas das lideranças partidárias.

Ontem, Collor cumpriu uma nova rodada de conversações com políticos aliados na tentativa de recompor sua base de sustentação no Legislativo. Das 8 horas às 9h30, ele recebeu os líderes em seu gabinete, para encontros reservados, e os convidou para um almoço com o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho.

Segundo contou Amaral depois da sua audiência, o presidente foi sensível à queixa mais freqüente dos deputados contra o seu governo — de não estarem sendo ouvidos pelas autoridades nem participando das decisões políticas e econômicas — e prometeu orientar os ministros para que recebam os parlamentares sempre que forem solicitados. O deputado ouviu ainda de Collor a garantia de que não vai enviar novas matérias ao Congresso sem prévia discussão com as lideranças.

Também renovou o compromisso feito e cumprido em julho, de não editar medidas provisórias durante o recesso parlamentar, que começa no dia 15. "Se ele editasse, o Congresso teria de ser convocado em cinco dias, acarretando gastos e desmoralização, porque não iria mesmo dar quórum", disse o líder do PDS.

Amaral aproveitou para fazer algumas sugestões, como a criação de uma lei que obrigue as indústrias a imprimir em seus artigos preços máximos com validade por um determinado tempo, para coibir remarcações. Propôs, também, o fim do BTN. De acordo com ele, Collor anotou as idéias.

O primeiro a chegar ao Palácio do Planalto, 25 minutos antes do presidente, foi o deputado Humberto Souto, às 7h30. "Collor me ouviu mais do que falou", comentou. Segundo o líder governista, o presidente manifestou "apreço" pelo Congresso e atribuiu a "uma questão de estilo" as atitudes que levaram os parlamentares a achar que ele se distanciou da classe política.

Três dos líderes garantiram que não trataram da questão de cargos no governo. Faria, porém, disse que protestou contra a demissão do filho de um parlamentar de um partido de oposição, ocorrida anteontem numa estatal ligada ao Ministério da Agricultura. "O presidente disse para eu entrar no circuito sempre que for necessário para resolver esse tipo de problema", contou Faria. O líder do PRN queixou-se ao presidente dos ministros do Trabalho, Antônio Rogério Magri, da Infra-Estrutura, Ozires Silva, e da Ação Social, Margarida Procópio, segundo ele, "os mais inacessíveis aos parlamentares".

O líder do PFL, Ricardo Fiúza, ficou com Collor por 15 minutos e disse que não fez nenhuma reivindicação de ordem pessoal. "Apenas prestei informações sobre a formação de blocos, medidas provisórias e projetos de lei em tramitação", informou.